

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1406 | 25/09/2017 a 01/10/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

BIODIESEL

MAIS SOJA NO COMBUSTÍVEL

Fontes renováveis devem ocupar 18%
da matriz energética brasileira até 2030

sistemafaep.org.br

FALTAM

0 9 8

DIAS

Para inscrição no CAR
e adesão ao PRA



PRA

Aos leitores

A indústria de biodiesel deve ampliar a demanda por sua principal matéria-prima, a soja, nos próximos anos. A adesão do Brasil no acordo de controle de emissão de poluentes que provocam efeito estufa no planeta deve mudar o atual cenário da produção do grão no país. O salto pode ser dos atuais 8% de adição de biodiesel no diesel comum, nos postos de combustível, para 20% daqui a 13 anos. Para alcançar esta marca seriam necessárias 65,9 milhões de toneladas de soja. Em 2015 foram destinadas 14,1 milhões de toneladas para esse fim.

Nesta edição, mostramos como o curso Herdeiros do Campo tem contribuído para proprietários rurais organizarem a sucessão familiar.

Boa leitura.

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldatto, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon | **Edição:** Ricardo Medeiros | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueiredo | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1406:

Fernando Santos, Marcilei Rossi / Diário do Sudoeste, Shutterstock, Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE



BIOCOMBUSTÍVEL

Até 2030, o Brasil vai ampliar o uso de soja em sua matriz energética

PAG. 4

VIAGEM TÉCNICA

Muito subsídio para bioenergia na Itália

Pág. 9

HERDEIROS DO CAMPO

Famílias traçam estratégia para sucessão familiar

Pág. 14

HISTÓRIA

Abelardo Barbosa, o Chacrinha

Pág. 16

CAFÉ

Produção de grãos especiais

Pág. 18

RESERVA LEGAL

Compra de áreas em parque ajuda produtores a atenderem legislação

Pág. 20

Raio-X agropecuário

Censo do IBGE começa no dia 1º de outubro, e irá percorrer 320 mil propriedades no Paraná



A partir do dia 1.º de outubro 24.984 recenseadores irão, literalmente, a campo para reunir informações de cerca de 5 milhões de estabelecimentos agropecuários brasileiros. O trabalho faz parte do Censo Agropecuário 2017, levantamento coordenado e executado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Paraná, 1.350 profissionais têm a responsabilidade de visitar 320 mil propriedades. O Censo conta com recursos de R\$ 500 milhões neste ano e R\$ 270 milhões em 2018.

Nesta edição, o IBGE anunciou o uso de novas tecnologias, como dados geoespaciais e georreferenciais, para facilitar a coleta de informações e, posteriormente, a elaboração dos resultados. Ao visitar a propriedade, cada

recenseador fará uso de um computador de mão, que irá permitir o cruzamento das informações para gerar mapas e amostragens.

As informações prestadas pelo produtor são sigilosas. No questionário elaborado pelo IBGE estão perguntas como o tipo de produção, as condições de plantio, infraestrutura e mão-de-obra empregada.

A FAEP está participando ativamente do processo de conscientizar os produtores rurais a receberem os recenseadores. “A Federação está comunicando os filiados a responderem o questionário. O Censo é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento econômico e social do Estado e do país”, ressalta Ágide Meneguette, presidente da FAEP. “O trabalho irá mostrar um retrato mais nítido da agropecuária brasileira e, posteriormente, com os dados em mãos, permite a elaboração de ações para o setor”, complementa.

As visitas dos recenseadores irão acontecer ao longo de cinco meses, ou seja, até 28 de fevereiro de 2018. Caso algum produtor não receba a visita do pesquisador, poderá procurar o Centro de Informações do IBGE da sua região e solicitar a presença de um profissional na propriedade. O resultado deverá ser divulgado em meados do ano que vem.

O último Censo Agropecuário foi realizado em 2006. Um novo trabalho deveria ter ocorrido em 2011, mas por questão de orçamento não foi possível. A proposta do IBGE é executar um censo a cada cinco anos, período considerado ideal para averiguar as mudanças no campo.

Outras informações sobre o Censo Agropecuário 2017 no site www.ibge.gov.br.

A hora do combustível verde

Em um horizonte no qual os biocombustíveis ganham cada vez mais espaço na matriz energética brasileira, cresce a demanda por soja

Por André Amorim



O uso racional dos recursos naturais e a produção sustentável de energia são hoje grandes dilemas da humanidade. Como crescer de forma segura, garantindo o desenvolvimento e o bem-estar das gerações futuras? São questões cujas soluções passam invariavelmente pela atividade agropecuária. É no campo que estão as chaves para transformar o modelo energético atual – calcado em combustíveis fósseis – em uma nova proposta focada na bioenergia (biocombustíveis, biomassa e biogás).

O Brasil tem um grande potencial para a produção dos chamados “combustíveis verdes”. O país já substituiu 36% dos componentes da gasolina por etanol e 8% do diesel de petróleo por biodiesel. Além disso, vem desenvolvendo a utilização do biogás e do biometano (produzidos por meio da biodigestão de resíduos vegetais e

15%

da soja brasileira é destinada para produção de biodiesel

animais) para produção de energia elétrica e até para uso em veículos motores.

Durante a 21.^a Conferência das Partes (COP 21) da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima realizada em Paris (França), em 2015, o Brasil se comprometeu a reduzir a emissão dos gases de efeito estufa (GEE), aceitando o desafio de aumentar a participação de bioenergia sustentável na matriz energética brasileira para 18% até 2030.

Para fechar esta conta, é preciso aumentar significativamente a produção de biocombustíveis. Em 2015, a participação do biodiesel e do etanol na nossa matriz energética era de 1,1% e 5,8%, respectivamente. Para cumprir esse compromisso, teríamos que triplicar essa participação. Mais uma vez, é do campo que virá a solução.

Hoje o percentual de biodiesel na composição do diesel mineral é de 8% (B8). De acordo com a legislação, o percentual da mistura passaria para 10% (B10) em março de 2019, porém os integrantes desta cadeia produtiva negociam para antecipar esse índice para fevereiro de 2018. “São aumentos graduais. O setor trabalha com uma meta específica de chegar até 2030 com B20”, afirma o gerente de economia da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove), Daniel Furlan Amaral, referindo-se ao percentual de 20% de biodiesel na composição do diesel de petróleo.

Segundo ele, toda vez que a demanda por biodiesel aumenta, conseqüentemente cresce a demanda por óleo de soja. A oleaginosa é a principal matéria-prima do combustível verde, com participação de 77% na produção, seguida pelo sebo bovino (8%) e pelo óleo de palma (8%). A Abiove estima que, para chegar a 2030 com a mistura B20 de biodiesel, seriam necessárias 65,9 milhões de toneladas de soja. Em 2015 eram destinadas 14,1 milhões de toneladas para esse fim.

Para Furlan, se depender da capacidade de esmagamento da soja, a meta para 2030 poderá ser alcançada com facilidade. Segundo ele, a indústria trabalha hoje com uma capacidade ociosa de 62,8 milhões de toneladas por ano. “No ano que vem vamos processar 43 milhões de toneladas. Temos capacidade de expandir mais de 20 milhões de toneladas de esmagamento no Brasil. Isso significa mais 4 milhões de toneladas de óleo, que é 50% do que o país produz hoje”, afirma.

Situação semelhante tem o setor de produção de biodiesel. Segundo o presidente da Associação dos Produtores de Biodiesel do Brasil (Aprobio),

Erasmus Carlos Battistella, hoje o parque industrial nacional conta com uma capacidade instalada para produzir 7,5 bilhões de litros do combustível por ano. “Temos uma ociosidade grande, de quase 40% no setor. Hoje para atender a demanda do B10 não precisaríamos construir nenhuma outra usina”, afirma. No ano passado foram produzidos 5 bilhões de litros do combustível verde.

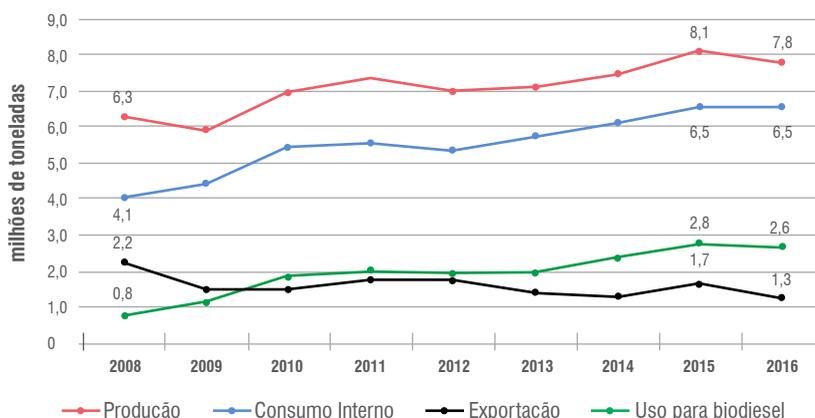
Se for confirmada a mistura de 10% (B10) em 2018, Battistella prevê um aumento na necessidade de matéria-prima de 25%. Caso não seja possível antecipar esse percentual, teremos no ano que vem o B9 (9% de biodiesel no diesel mineral), o que demandaria 15% a mais de matéria-prima para produção do combustível.

Impacto positivo

Esse incremento na demanda de soja para produção de biodiesel impactaria toda cadeia produtiva. O aumento na procura pode elevar o preço do grão, trazendo benefícios aos produtores, e o estímulo à industrialização geraria mais empregos diretos e indiretos. Com o esmagamento para produção de óleo, aumenta também a oferta de um subproduto desse processo, que é o farelo de soja, trazendo benefícios também para a cadeia de proteína animal, que teria um insumo abundante para composição da ração.

“O preço da soja é definido internacionalmente. As empresas que compram soja vão aumentar a demanda e, com isso, oferecer condições competitivas para a compra desse produto. Naturalmente, as empresas que quiserem esmagar mais vão oferecer condições de financiamento e de compra para os produtores para ter este produto”, observa Furlan.

Mercado de óleo de soja



Nota 1: O consumo interno compreende o óleo para biodiesel, consumo alimentício e outros usos.

Nota 2: Para 2016, apresenta-se os valores preliminares assumidos pela Abiove (2017) e Mapa (2016).

Fonte: EPE a partir de Abiove (2017) e Mapa (2016)

Cenários

Com objetivo de contribuir para esta discussão, a Embrapa Agroenergia produziu um estudo, divulgado em julho de 2017, que visa responder (entre outras questões) qual deverá ser o percentual de biodiesel misturado ao diesel mineral para alcançar a meta de 18% de biocombustíveis na matriz brasileira até 2030, e qual a quantidade de soja que será demandada para sustentar esse aumento na produção.

Em um cenário de taxas fixas de crescimento do biodiesel, do etanol e da matriz energética brasileira, e no qual o combustível da cana-de-açúcar teria participação de 6,1% do total, seria necessário que o biodiesel participasse com 11,9% (ou 63,4 bilhões de m³) para atingir os 18% propostos de uso de biocombustíveis em 2030.

Para alcançar esse volume respeitando a demanda estimada de óleo diesel naquele ano, seria necessário que o biodiesel fosse adicionado ao diesel em um percentual de 69% (B69).

De acordo com o estudo, para atingir esse volume de biodiesel seriam necessárias mais 395 usinas de biodiesel (atualmente são 43 usinas em operação, com capacidade média de 143 mil m³/ano), o que obrigaria um crescimento de 1.000% do parque industrial. Um cenário inviável do ponto de vista técnico-econômico.

Outro cenário estabelece uma participação de 9,7% do etanol, restando 8,3% para ser ocupado pelo biodiesel para fechar os 18% em 2030. Neste caso, seria necessária uma mistura de 48% de biodiesel no óleo diesel (B48) e um volume de 47,2 bilhões de m³, que ainda é considerado extremamente elevado.

O estudo da Embrapa Agroenergia também trabalha com a necessidade de soja para atender à demanda dos biocombustíveis em 2030. Em 2015, cerca de 15% da produção brasileira de soja era destinada à produção de biodiesel. Um dos cenários desenvolvidos trabalha com uma destinação de 35% da soja para este fim e outro panorama com 50%, 56.670 milhões de toneladas e 72.242 milhões de toneladas, respectivamente, considerando sempre a participação da soja com 77% entre as matérias-primas do combustível.

Dentre todos estes cenários, a Embrapa considera o mais viável aquele que considera que a participação da soja na produção de biodiesel passaria dos 15% atuais para 35%, com a mistura passando de 8% (B8) para 15% em 2030. “Para misturas acima de B15, mantendo as projeções atuais para a soja, verifica-se a necessidade de ampliar a escala de produção de outras matérias-primas oleaginosas, seja as atuais com domínio tecnológico (girassol, algodão, dendê e canola) ou outras matérias-primas que estão em fase de desenvolvimento tecnológico (macaúba e pinhão-manso)”, propõe o estudo.

O presidente da Aprobio, Erasmo Battistella, discorda da visão da Embrapa Agroenergia. “Nós respeitamos muito a

“O preço da soja é definido internacionalmente. As empresas que compram soja vão aumentar a demanda e, com isso, oferecer condições competitivas para a compra desse produto. Naturalmente, as empresas que quiserem esmagar mais vão oferecer condições de financiamento e de compra para os produtores para ter este produto”

Daniel Furlan Amaral,

gerente de economia da Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove)

A principal matéria-prima do biodiesel é a soja com participação de

77%



instituição, mas estamos falando de uma perspectiva de 13 anos para frente. O setor sempre atendeu às necessidades do Brasil”, pontuou. Segundo ele, é necessário que existam balizas concretas para que o setor possa se programar. “É preciso que o governo aprove uma lei estabelecendo quais serão os percentuais de biodiesel em 2030, para que possamos nos planejar. Se tiver uma demanda clara, certamente os empresários vão investir”, disse.

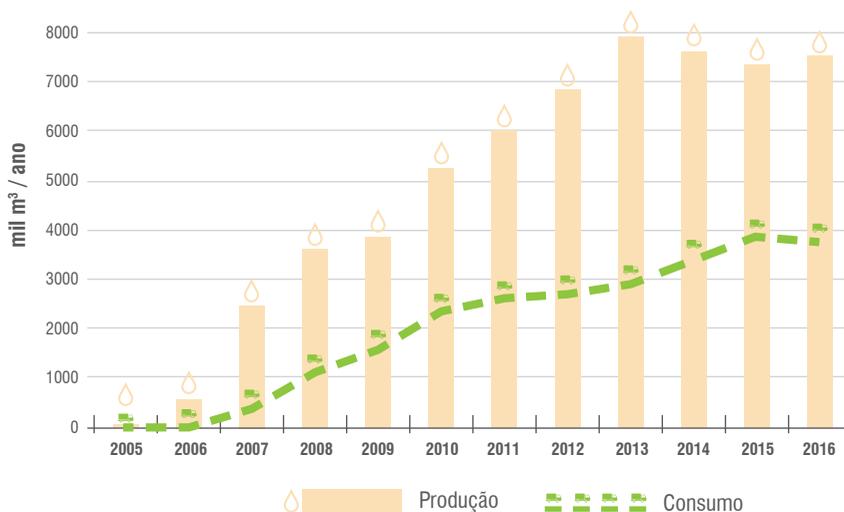
RenovaBio

Apesar de desafiador, trata-se de um objetivo possível. Diversos fatores vêm apontando para uma expansão das fontes renováveis de energia. Recentemente, três ministérios (Minas e Energia, Meio Ambiente e Agricultura, Pecuária e Abastecimento) uniram esforços para encaminhar à Presidência da República o texto para a Medida Provisória (MP) que irá balizar a política nacional de biocombustíveis (RenovaBio). A expectativa é apresentar a proposta oficialmente à comunidade internacional durante a realização do COP 23, que será realizado em

novembro deste ano na Alemanha.

Na opinião de Battistella, da Aprobio, o RenovaBio é positivo, uma vez que foi construído de maneira conjunta pelo governo e pelo setor produtivo, mas não deve trazer resultados concretos imediatos. “Ele é um grande guarda-chuva. Em cima dele vão ter diversas outras normativas que poderão dar segurança aos investidores”, afirma.

Capacidade instalada de produção e consumo de biodiesel



Fonte: EPE a partir de ANP (2017).

FAEP pede apoio à aquicultura

Apesar de ser o setor agropecuário com maior crescimento no Brasil, atividade não tem subvenção no seguro e acompanhamento de preços feito pelo poder público



A FAEP encaminhou dois ofícios no dia 19 de setembro para pedir apoio à aquicultura do Estado. Apesar de ser o setor agropecuário que mais cresce no país, a produção de peixes não conta com subvenção no seguro rural e ainda não tem um levantamento de preços por parte do poder público, como ocorre no Paraná com outras carnes e grãos, por exemplo. Os documentos foram enviados ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) e à Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Paraná (Seab).

No documento enviado ao Mapa, a FAEP argumenta que é necessário alocar recursos no Programa de Subvenção

ao Prêmio do Seguro Rural (PSR) para a subvenção na modalidade aquícola.

“O apoio do PSR ao produtor é importante para possibilitar o acesso às coberturas previstas nesta modalidade de seguro, a qual é precificada conforme as características de cada produtor, sendo inviável a sua contratação sem subvenção”, diz o presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

O Paraná é o maior produtor de tilápia do Brasil, produziu 73 mil toneladas do produto em 2015 (último dado disponibilizado pela Seab). A expectativa é que em 2017 sejam alcançadas mais de 100 mil toneladas. Diversos investimentos estão em andamento para fomentar a produção no Estado. O processamento e industrialização da produção são atendidos pelas cooperativas Copacol, C.Vale, Copisces e frigoríficos locais.

Desafios

No ofício encaminhado à Seab, a FAEP reforça que mesmo com um crescimento expressivo nos últimos anos, a produção de tilápia ainda enfrenta muitos desafios, principalmente em relação à organização da cadeia produtiva. “O preço praticado na venda da tilápia inteira é instável e divergente entre as regiões e essa instabilidade gera insegurança para o setor afetando diretamente aos produtores rurais”, problematiza o presidente.

Por isso, a FAEP solicitou a inclusão do preço pago ao produtor de tilápia no levantamento disponibilizado periodicamente pelo Departamento de Economia Rural (Deral), da Seab. “A divulgação do preço da tilápia pago ao produtor vai auxiliar na organização da piscicultura no Estado, fortalecendo o crescimento e a sustentabilidade da atividade”, aponta Meneguette.

Itália estimula crescimento do setor de bioenergia

Produtores e técnicos de instituições parceiras e do Sistema FAEP/SENAR-PR percorrem Europa para conhecer alternativas energéticas

Por Cynthia Calderon



A Itália é o segundo maior produtor mundial de energia renovável e apresenta uma realidade muito distinta do que ocorre na Alemanha e na Áustria em relação ao setor. Enquanto outros países europeus estão reduzindo significativamente os incentivos financeiros aos produtores de bioenergia, a Itália tem mantido o subsídio às usinas instaladas, buscando estimular o crescimento do setor. Nos últimos seis anos, o governo italiano investiu 4,5 bilhões de euros em 1.555 plantas.

Os três países são referências no uso e produção de energias renováveis e foram visitados pela delegação paranaense, que fez parte da viagem técnica organizada pelo

Sistema FAEP/SENAR-PR. A Europa buscou alternativas pela necessidade de segurança e eficiência energética e questões ambientais, oferecendo subsídios para atrair os produtores rurais e estimular a produção de bioenergia. Na Itália, a característica observada pelo terceiro grupo de produtores e técnicos foi de diversificação da propriedade, direcionando parte dos recursos para a produção de alimentos e parte para a geração de energia.

Os italianos estão agregando valor e receita ao produtor rural e utilizam modelos de associativismo. Eles usam o sistema de confinamento na produção pecuária, o que gera acúmulo de dejetos. É o caso da Cooperativa Agro-

“É um assunto que desconhecia e tivemos muita informação. Acho que esse é o futuro. Até para garantir a produção de energia”

Aldo Hashimoto,
presidente do Sindicato Rural
de Paranacity

energetica Territoriale di Correggio (C.A.T.), que concilia a agroenergia com a vocação alimentar da região da Emília-Romanha. A cooperativa criada em 2007 tem a primeira fazenda certificada da Itália na produção de biogás. A organização é formada por 26 propriedades rurais, cinco vinícolas e dois bancos e opera uma planta com potência de 1 megawatt, numa área de 300 hectares.

Os principais substratos usados na região para o biogás são esterco, silagem de milho e triticale e engaços de uva. A região é grande produtora de vinho. Os sócios fornecem o substrato para a biodigestão e a cooperativa entrega o biofertilizante, reduzindo bastante o uso dos

fertilizantes químicos. “É um assunto que desconhecia e tivemos muita informação. Acho que esse é o futuro. Até para garantir a produção de energia. A principal diferença é que o Brasil está adiantado na produção, mas nos falta pesquisa. Precisamos investir nessa área”, afirma o presidente do Sindicato Rural de Paranacity, Aldo Hashimoto.

Com o objetivo de entender a realidade europeia e obter conhecimento para desenvolver um modelo que se adeque à realidade brasileira, principalmente a do Paraná, agregando valor e receita à propriedade rural, a comitiva de produtores e técnicos paranaenses percorreu instituições e propriedades rurais na Itália. “Não dá para pegar o modelo deles sem se preocupar em adaptá-lo à nossa realidade. Precisamos de pesquisas e estudos sobre a viabilidade econômica. Nosso maior problema não está relacionado à produção de energia, mas a uma destinação dos dejetos”, avalia o presidente do Sindicato Rural de Centenário do Sul, Walter Ferreira Lima.

A comitiva paranaense também conheceu a Fazenda La Bellotta, propriedade da família Remmert, localizada no Norte da Itália, próxima da cidade de Turim. São 400 hectares nos quais se utiliza apenas fontes de energia renováveis, como eólica, solar, biomassa e biogás. É uma propriedade diversificada, com produção de cereais de inverno (trigo, cevada, aveia e triticale), soja, pecuária de leite e avicultura (granja com 3 mil aves). Além de experimentos com outras culturas, como beterraba.

Os resíduos são utilizados em dois biodigestores, com





potência de 2 megawatts. Eles produzem energia elétrica e térmica e biofertilizantes, que são utilizados na lavoura, gerando uma economia aproximada de 70% na aquisição de fertilizantes químicos. “São vários formatos diferentes de produção, individual e empresarial, com diversas formas de produção de energias e seus processos”, observa o presidente do Sindicato Rural de Apucarana, Claudiomiro Rodrigues da Silva.

A Itália, um dos maiores importadores de gás natural do mundo e com grande dependência do petróleo, hoje tem por preocupação o saneamento ambiental. A diversidade de alternativas do setor energético e a preocupação com a qualidade de energia foram tendências apresentadas à comitiva durante as visitas. Apesar do Brasil ter uma matriz energética renovável, a visão é de que há a necessidade de o país se adequar à nova realidade, em que haverá descentralização da produção com a construção de pequenas usinas regionais, eficiência energética e redução de gases de efeito estufa.

Durante a viagem, o grupo de produtores e técnicos paranaenses também conheceu uma das sedes do Consorzio Italiano Biogas (CIB). Desde 2006, a organização representa os produtores que operam na cadeia de biogás e biometano na agropecuária.

São 591 propriedades rurais, que produzem 425 megawatts por hora, o equivalente à metade das plantas da Itália. São 42 usinas de biogás e biometano e 10 instituições de pesquisa, totalizando 714 associados. Entre suas principais atividades estão assistência aos associados, defesa política do setor, parcerias com universida-

des e institutos de pesquisa, participação em eventos, como conferências e feiras, e divulgação de informações por meio de boletins informativos.

O responsável pela comunicação do CIB, Ricardo Geffer Wondrich, apresentou ao grupo paranaense alguns projetos de pesquisa que estão sendo desenvolvidos pela instituição. Uma das pesquisas é sobre aumento de produção e utilização de biometano na Europa, eliminando barreiras não tecnológicas. Outra é sobre um modelo de comunicação para divulgar informações corretas sobre a produção do biogás e a criação de processos participativos, buscando minimizar a oposição da sociedade em relação à produção.

Outra cooperativa visitada pelo grupo foi a Cooperativa Intercomunale Lavoratori Agricoli (C.I.L.A.), em Novellara (província de Reggio Emilia), que tem uma característica peculiar: foi fundada por trabalhadores. A fazenda construída há mais de 100 anos tem por objetivo unir os pequenos agricultores da região, que antes produziam arroz e hoje têm a terceira maior criação de animais da Itália, com 5 mil suínos e 3 mil bovinos em 1,1 mil hectares. A usina está em atividade desde 2012 e tem potência de 1 megawatts. Eles também produzem o famoso queijo Parmigiano Reggiano.

A última etapa da viagem foi na Azienda Agricola Iraci Borgia, administrada por cinco irmãos, em Collazzone (região da Umbria). Em torno de 70% da área da propriedade é utilizada para a usina de biogás e o restante para a produção de milho, que é comercializada. São dois biodigestores, com potência instalada de 1 megawatt cada. Há nove anos trabalham sem adubação química.

Biogás: vetor de desenvolvimento sustentável

Como o Estado do Paraná se tornará referência na geração de energia no campo



Gustavo Ortigara

Há mais de 60 anos, quando passou a ser responsável pela construção dos grandes sistemas de integração energética e dos empreendimentos hidrelétricos previstos no Plano de Eletrificação do Paraná, a Companhia Paranaense de Energia (Copel) deu um passo importante na constituição de uma infraestrutura energética capaz de suportar e acelerar o desenvolvimento paranaense. Já em meados da década de 1980, com o lançamento

de um audacioso programa de eletrificação rural, Clic Rural, auxiliou no fortalecimento da pujança que é o agronegócio do Estado. Mais tarde, durante a década de 1990 e início de 2000, quando da abertura de seu capital ao mercado de ações (atualmente Nível 1 de Governança Corporativa da BM&FBovespa), se tornou também a primeira empresa do setor elétrico brasileiro listada na Bolsa de Valores de Nova Iorque, bem como ampliou seus negócios

na Comunidade Econômica Europeia, com seu ingresso na Latibex – o braço latino-americano da Bolsa de Valores de Madri. Agora, a companhia e o Estado do Paraná se deparam com um novo desafio: se manter na vanguarda do desenvolvimento econômico e social de forma sustentável e rentável.

Num momento em que o Brasil ensaia uma retomada de seu crescimento econômico, que deverá exigir considerável demanda

por energia, a atual configuração da expansão do sistema hidrelétrico brasileiro com usinas apenas a fio d'água, decorrente de entraves ambientais associados à construção de novos reservatórios de regularização, resulta, além da redução gradativa da relação “estoque de energia/mercado consumidor”, em impactos mais acentuados da sazonalidade ao longo dos meses, ou seja, necessidade de enchimento dos reservatórios no período úmido e rápido esvaziamento no período seco, a cada ciclo hidrológico anual. Adicionalmente, observa-se expressiva expansão do setor de energia a partir de fontes renováveis intermitentes, como a eólica e fotovoltaica. Neste sentido, torna-se necessária a complementação da matriz com outras fontes de energia para atenuar o efeito dos cenários de afluências ruins e garantir o nível de segurança adequado ao Sistema Interligado Nacional (SIN).

Neste contexto, o Estado do Paraná insere-se com um grande potencial de geração de energia a partir da biomassa que possibilita a compensação de déficits de energia no SIN. O Paraná é o segundo maior produtor de grãos do país, o maior Estado produtor de amido de mandioca com 2/3 da produção brasileira e o terceiro maior produtor de tabaco com 184 mil toneladas. Na última safra de grãos foram 42 milhões de toneladas, sendo 19,8 milhões de soja, 18,5 de milho (duas safras por ano), 715 mil de feijão (3 safras por ano).

Destaca-se com o maior rebanho suíno do país, sendo o segundo Estado em número de abates (da ordem de 8,9 milhões). Em 2016 abateu 1,8 bilhão de frangos, produziu 4,8 bilhões de litros de leite (segundo produtor do Brasil) e o primeiro lugar no ranking da produção de peixe (tilápia), com quase 100 mil toneladas. Ainda, se consagra como segundo maior Estado produtor de açúcar, com 3,2 milhões de toneladas e o quinto de etanol, com 1,4

bilhões de litros.

Por fim, o Estado possui uma das maiores e mais competitivas áreas de plantio florestal do mundo, destaque para importante produção de madeira multiuso (papel, celulose, MDF, MDP, laminação, etc), além de ser grande produtor de frutas (laranja, banana, morango, uva de mesa, etc) e de hortaliças.

Na mesma ordem de grandeza de produção agropecuária, há a consequente geração de dejetos e resíduos agrícolas, que representam (importante custo – passivo) ambiental e que podem e devem ser aproveitados para geração de energia. Ressalta-se o aproveitamento dos dejetos de suínos, aves e bovino leiteiro para a produção de biogás e posterior geração de energia elétrica, térmica ou purificação a biometano, o qual pode ser injetado na rede de gás natural, utilizado como combustível veicular, similar ao GNV, ou ainda em tratores e máquinas.

Há também que se destacar a tendência mundial da futura exigência, por mercados externos, da certificação ambiental para o produtor que realizar a correta destinação dos resíduos ou dejetos. Porém, mais que uma obrigação, o aproveitamento energético dos dejetos pode representar ao produtor uma diversificação de suas fontes de renda. Em que pese a variabilidade de preços do mercado agropecuário, um negócio de energia, se bem estruturado, traz segurança financeira e estabilidade ao agricultor, favorecendo a permanência das próximas gerações no campo.

Considero, portanto, extremamente oportuna a iniciativa do Sistema FAEP/SENAR-PR em proporcionar este aprendizado aos líderes dos sindicatos rurais e técnicos de instituições parceiras e do próprio Sistema. O ensejo de verificar in loco a tecnologia, a motivação da Europa, primeiramente por questões de segurança energética e, agora, como forma de atendimento às metas de redução das emissões de gases de

Há também que se destacar a tendência mundial da futura exigência, por mercados externos, da certificação ambiental para o produtor que realizar a correta destinação dos resíduos ou dejetos.

efeito estufa e como se desenvolveu a geração energética a partir do biogás nos três países visitados (Alemanha, Áustria e Itália) engrandece e qualifica os participantes da viagem técnica para disseminar o conhecimento em suas regiões.

Ressalta-se que, a Copel, sensível à questão da segurança no fornecimento de energia no campo e atuando também como Secretaria de Estado de Energia, permanece atenta ao tema, aposta na descentralização da geração de energia no campo e participa, além do acesso à conexão da Geração Distribuída (obrigatória a toda concessionária de distribuição), também na proposição, juntamente com o governo do Estado, do Sistema FAEP/SENAR-PR e de instituições parceiras, de políticas públicas para o Estado, no fomento tecnológico e de informação.

Gustavo Ortigara, engenheiro de energias renováveis

Diretoria de Desenvolvimento de Negócios - Copel

Herdeiros do Campo capacita famílias a planejarem o futuro

Curso une gerações para traçar estratégia de sucessão familiar e garantir atividades agrícolas a longo prazo

Por Antonio Senkovski



Simone, Erineu, Carla Carolina e Aracéli Caldato: conhecimento abre canal de diálogo para planejar sucessão

O agricultor Erineu Caldato, 63 anos, vive desde que nasceu em uma propriedade rural da família em Pato Branco, no Sudoeste do Paraná. Foi nela que construiu sua vida ao lado de Vilma Caldato, 61 anos, e também foi onde o casal criou as três filhas: Aracéli, 38 anos, Simone, 33 anos, e Carla Carolina, 25 anos. Mas isso só foi possível porque, ainda em vida, o pai de Erineu cedeu uma parte da terra e orientou de perto como ele e os irmãos deveriam agir para retirar do solo os seus sustentos.

“A gente trabalhava junto com o meu pai na lavoura. Víamos todo o processo dele no manuseio da terra. Com toda a certeza ele nos instruiu. Vimos como ele fazia os procedimentos e mais tarde, quando herdamos a propriedade, seguimos essas orientações e conseguimos ampliar a área com nosso trabalho”, conta o produtor rural, que hoje cultiva 260 hectares de lavouras de grãos no município.

Apesar de ter vivenciado um processo bem-sucedido de sucessão no passado, a passagem do bastão de Erineu e Vilma para as filhas até então sempre tinha sido deixado de lado. As três fizeram faculdade, têm seus empregos na cidade e a vida seguia seu curso. Mas, recentemente, o curso Herdeiros do Campo abriu a mente de toda a família para a importância de se definir os caminhos da sucessão na propriedade para que isso não se torne um problema no longo prazo.

“Algumas coisas estávamos deixando de lado, mas com o curso nós percebemos que se ficasse assim os herdeiros teriam dificuldade mais tarde. Temos que antecipar as coisas que os sucessores venham a assumir”, relata Erineu. “Durante o curso já trouxemos elas para junto de nós, mostramos os quatro cantos da propriedade, os limites, como funciona, como elas devem proceder no futuro e usufruir da propriedade”, completa.

A família levou tão a sério o curso, que as três filhas foram junto com o pai às aulas semanais. Aracéli Caldato, a irmã mais velha, diz que participar do Herdeiros do Campo abriu a mente deles ao diálogo. “O meu pai é bastante jovem. A princípio tínhamos a noção de que não havia necessidade de tratar sobre isso. No curso nós vimos que o conceito é justamente o contrário. Quanto antes conseguir trocar ideia, conversar, ter experiências, melhor”, enfatiza.

Participar do curso, segundo Aracéli, foi transformar o afeto pelo lugar que cresceram em entusiasmo sobre o que o espaço significa para a família. “Hoje, estamos 100% mais empolgadas com relação aos assuntos da fazenda. É bom ver e saber como está funcionando. Lógico que meu pai vai administrar, ninguém quer nada diferente disso. Ele tem muita experiência sobre negócios, passa conselhos com relação a isso e agora nós temos abertura de levar conhecimento de novas tecnologias a ele”, explica.

Diálogo

Esse “canal” para tratar do assunto abertamente dentro da família também foi um dos benefícios mais evidentes para a instrutora do SENAR-PR Francieli Grings, 31 anos, de Pitanga, no Centro-Sul do Paraná. Ela participou como aluna do Herdeiros do Campo junto com a mãe, Renilda Schmidt Grings, 63 anos. A família tem uma propriedade de 24 hectares, utilizados para a produção de leite no município.

“Sentar e conversar sobre esse assunto sempre foi difícil, pois um sempre está fazendo uma coisa ou outra, não consegue achar tempo para conversar. Isso precisa ser agendado. É algo importante, mas nunca tinha acontecido. A intenção agora, depois do curso, é mudar, fazer esses encontros mais vezes e buscar traçar um caminho para a sucessão familiar acontecer”, relata Francieli, que também contou que a mãe ficou bastante motivada com o curso, por se sentir mais inserida dentro das coisas da propriedade.

Segundo Francieli, a formação a deixou mais tranquila com relação ao futuro da propriedade da família. “Algumas janelas se abriram, a gente começa a enxergar novas oportunidades, são mudanças. Eu acredito que ele venha para mudar muitas vidas, porque tem muita propriedade que passa pela mesma situação que a da nossa família, que é a falta de arrumar tempo para conversar e tomar decisões sobre o futuro”, diz.

O curso

O objetivo do Herdeiros do Campo é despertar a família rural para o planejamento sucessório, considerando as dimensões família, empresa (negócio) e propriedade (patrimônio). A intenção é que a família saia do programa agindo de forma sinérgica no ambiente de casa para implantação de um plano de ação que norteie a sucessão familiar.

São 42 horas de aulas, com cinco encontros de oito horas cada e mais uma orientação de duas horas por fami-

lia. É preciso que participem no mínimo duas e no máximo quatro pessoas por família, de modo a formar grupos entre 20 e 30 pessoas. A idade mínima para ingressar é 15 anos e sempre é obrigatória a participação de pelo menos duas gerações (pai e filho, por exemplo).

Entre os principais conteúdos estão: sucessão e governança, visão estratégica, a empresa rural e seus cenários, mediação de conflitos e a construção da confiança, o aprendizado e a prática, e orientação do plano de ação. Este último consiste em aplicar todas as habilidades desenvolvidas durante a formação para gerar um projeto de efeito prático dentro das propriedades em relação à sucessão.

“Não há receita pronta. O tema é complexo e não se resolve com um documento, que é só uma parte de um processo sucessório satisfatório. O que o SENAR-PR quer é levar informações aos produtores, para permitir que olhem para dentro de sua família, para as questões jurídicas (patrimônio) e para o negócio (empresa, gestão). Somente dessa forma teremos uma sucessão tranquila e consequentemente um agronegócio cada vez mais forte e profissionalizado”, diz a coordenadora técnica do programa e técnica do SENAR-PR, Luciana Matsuguma.



Luciana Matsuguma, coordenadora do curso Herdeiros do Campo

Sucessão em números

De acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010, um total de 7,8 milhões de jovens (de 15 a 29 anos) vivia no campo, no Brasil. O número representava pouco menos de um quarto da população rural total do país (29,8 milhões de habitantes). A estimativa é que dos 5,2 milhões de estabelecimentos rurais onde vivem essas pessoas no país, 1,5 milhão (quase um terço) foram obtidos por herança.

No Paraná, no último Censo foram contadas 10,4 milhões de pessoas no Estado, sendo 1,5 milhão com residência no campo (14%). Ao todo, viviam na zona rural nessa época 362,7 mil jovens entre 15 e 29 anos (23% do total da população rural paranaense).

100 ANOS DE

Chacrinha

Abelardo Barbosa

Está com tudo e não está prosa.

Menino levado da breca,

Chacrinha faz chacrinha

Na buzina e discoteca.

Ó Terezinha, ó Terezinha

É um barato o cassino do Chacrinha

Ó Terezinha, ó Terezinha

É um barato o cassino do Chacrinha.

ABELARDO BARBOSA, O VELHO GUERREIRO, MARCOU A HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA, LANÇOU ARTISTAS E ENTROU PARA O IMAGINÁRIO POPULAR

O famoso tema de abertura do programa do Chacrinha, que dominou as tardes de sábado na TV Globo, ainda ecoa na memória dos brasileiros. José Abelardo Barbosa de Medeiros (1917-1988), o Chacrinha, ficou célebre pelo figurino extravagante e pela distribuição de alimentos ao público que lotava o auditório usando frases de duplo sentido, como: “quem quer a mandioca do...”.

Apresentador de programas de auditório de grande sucesso entre as décadas de 1950 e 1980, Chacrinha começou no rádio antes de chegar à televisão. Em seu programa, abriu espaço para então novos artistas, como Roberto Carlos, Raul Seixas, Titãs, Blitz, entre outros.

O Velho Guerreiro, como também era conhecido, soube como poucos explorar os recursos da televisão para conquistar um público cativo em todo o país. Auditórios lotados e audiência elevada fizeram de Chacrinha uma referência como comunicador. Uma persona non sense, anárquica. Quem nunca ouviu um de seus bordões? “Na televisão, nada se cria, tudo se copia”, “Quem não se comunica se trumbica” e “Eu não vim pra explicar. Vim para confundir”.

Uma das cenas “clássicas” em seu programa nasceu para resolver o problema de um de seus patrocinadores. “Vocês querem bacalhau?”, Chacrinha gritava antes de jogar o peixe ao público.

À época, o produto estava “encalhado”, mas as vendas explodiram após a iniciativa do Velho Guerreiro.

QUASE MÉDICO

Nascido em Pernambuco, Chacrinha chegou a estudar Medicina. Largou o curso para virar baterista de um grupo musical. Em 1939, o Bando Acadêmico embarcou para uma turnê à Alemanha. Quando os músicos estavam a bordo do navio souberam do início da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Chacrinha desembarcou no Rio de Janeiro e lá começou a carreira de locutor de rádio.

Em 1956, ele estreia na televisão, com o programa Rancho Alegre, na extinta TV Tupi, na qual começou a fazer também a Discoteca do Chacrinha. Em 1967, foi contratado pela Rede Globo. Chacrinha faleceu no dia 30 de junho de 1988, aos 70 anos, em decorrência de um infarto do coração. O último programa Cassino do Chacrinha foi ao ar em 2 de julho de 1988.



Qualidade do campo para a xícara

Produção de grãos especiais, com alto valor agregado, é o caminho para a continuidade da atividade cafeeira no Paraná



A cultura do café está intimamente ligada à história do Paraná. O Estado passou do dia para a noite de maior produtor e exportador mundial, para carta fora do baralho do comércio global após a geada negra, ocorrida em 1975, que devastou os cafezais paranaenses.

A tragédia transformou o desenho da demografia paranaense, uma vez que, com o fim de uma atividade que empregava muita mão de obra, muitas famílias tiveram de migrar para outros centros em busca de trabalho e oportunidade.

Atualmente esta realidade é outra. O café recuperou parte de sua pujança, mas ainda distante da expressividade de outrora. Hoje, a cultura vegetal preponderante no Paraná é a soja, porém, o café não foi esquecido, tampouco ficou estagnado. Para sobreviver, a atividade focou a qualidade, apostando nos cafés especiais, cuja produção se concentra no Norte Pioneiro do Estado.

Segundo o engenheiro agrônomo Otávio Oliveira da Luz, da Emater de Carlópolis (Norte Pioneiro), os cafeei-

cultores da região têm conseguido melhorar a cada ano a produtividade e a qualidade do café da região. “O pessoal está se aprimorando, com técnicas, cuidados com o solo e com doenças”, avalia. De acordo com ele, a média da região é de 30 sacas de café beneficiado por hectare, mas bons produtores superam as 50 sacas/ha. “Colher café com baixa produtividade sai muito caro, mesmo com mecanização”, observa da Luz.

Hoje, a mão de obra durante a colheita é o principal custo da atividade. De acordo com o engenheiro agrônomo da Emater, para contornar esse problema, mais da metade dos produtores utiliza máquinas para a colheita. “Com as máquinas grandes, uma pessoa só faz tudo, e quem colhe na mão usa aquela máquina menor, portátil”, explica.

Na opinião do presidente da Comissão Técnica de Cafeicultura da FAEP, Walter Ferreira Lima, além da tecnologia, é preciso trabalhar as pessoas. “O que falta é associativismo e união dos produtores. Como a cadeia ficou

pequena, a integração de associações e cooperativas é o início do desenvolvimento tanto tecnológico, quanto de assistência técnica e comercialização”, observa.

Segundo Lima, a falta de articulação entre os produtores prejudica a comercialização. “Fica cada um tentando levar as coisas por si. Não tem volume de produção. Aí entra um intermediário que leva vantagem”, avalia.

Mulheres

Um bom exemplo de como a união pode fazer a diferença vem de Pinhalão (Norte Pioneiro). Um projeto desenvolvido pela Emater desde 2013, que reúne 180 cafeicultoras de 11 municípios da região, está obtendo bons resultados ao fortalecer a cooperação entre as produtoras.

Segundo a extensionista social da Emater de Pinhalão, Cintia Mara de Souza, a iniciativa partiu da percepção de que de as mulheres estavam sempre presentes na cadeia de produção, mas não tinham acesso às capacitações e treinamentos. Desta forma, foram criadas atividades exclusivas para elas, como cursos de degustação e reuniões técnicas que acontecem ao longo do ano durante cada etapa da produção: manejo integrado de pragas e doenças, poda, adubação, colheita e comercialização.

De acordo com Cintia, as propriedades trabalhadas têm entre 2 e 20 hectares. “Não é uma produção grandiosa. Temos uma média de duas sacas de café beneficiado por mulher”, diz. Porém, os resultados já começam a surgir. Em 2015, três participantes foram campeãs do concurso Café Qualidade Paraná e, em 2016, 54% das amostras que participaram da etapa regional desta competição foram produzidas por mulheres. “Isso nunca tinha acontecido. No mesmo ano, as mulheres foram campeãs em três das quatro categorias do concurso”, lembra.

No ano passado, as produtoras conseguiram vender seus cafés especiais por R\$ 650 a saca, sendo que algumas obtiveram até R\$ 1,3 mil/saca. “Na época, a saca commodity estava em R\$ 400”, lembra a extensionista.

A colheita, um dos pontos mais críticos da produção, é feita manualmente, grão a grão, de modo a garantir a qualidade do produto final. Para efetuar este trabalho, as cafeicultoras se organizam em mutirões de colheita, nos quais todas se ajudam. A visibilidade desta produção se deu numa primeira etapa por meio dos concursos, mas o projeto também mira a comercialização para cafeterias. “Desde 2013 estamos inserindo essas mulheres no mercado, em eventos, para perceber o potencial da sua produção. O resultado está aparecendo”, avalia Cintia.

Feira de cafés especiais terá curso de torra do SENAR-PR



Entre os dias 4 e 6 de outubro, o SENAR-PR realiza uma oficina de Torra de Cafés Especiais durante a programação da Feira Internacional de Cafés Especiais do Norte Pioneiro do Paraná (Ficafé), que acontece em Jacarezinho. A instituição já tem tra-

dição em colaborar com o evento, que neste ano chega à sua 10ª edição.

Ao longo dos três dias de evento haverá palestras e workshops com especialistas da área cafeeira, exposição de máquinas e equipamentos, degustação de cafés especiais e diversas atrações para os 4 mil visitantes que são esperados na feira este ano. Rodadas de negócio irão aproximar produtores e compradores de café para efetivar as vendas da produção paranaense. A previsão é que sejam gerados cerca de R\$ 5 milhões em novos negócios durante a feira.

Neste ano, além da oficina e torrefação, o SENAR-PR irá apresentar uma palestra sobre o programa Hortimais, que tem como objetivo qualificar os horticultores do Estado com o que há de mais moderno em técnicas e tecnologias. A instituição também é parceira do Concurso Sabores do Norte Pioneiro do Paraná, que elege os melhores cafés da região.

O concurso comemora este ano a sua 5ª edição. Além de estimular a produção com qualidade e premiar o trabalho do cafeicultor, a competição tem o objetivo de selecionar microlotes de cafés despulpados ou cereja descascados e também lotes de cafés naturais para comercialização, aproximando o produtor do mercado.

Benefício mútuo

Proprietários rurais podem compensar Reserva Legal fora das propriedades, adquirindo áreas de mata nativa em unidades de conservação



Vista aérea do Parque Nacional da Ilha Grande

Diz a sabedoria popular que um negócio só é bom de fato quando todos os envolvidos saem ganhando. É esse o caso de muitos produtores rurais que estão adquirindo áreas no Parque Nacional da Ilha Grande, localizado na região Noroeste do Estado, entre o Paraná e o Mato Grosso do Sul, para compensação de Reserva Legal (RL).

A operação é simples e traz benefícios para todas as partes. De um lado os produtores rurais que precisam recompor áreas de RL podem fazê-lo sem comprometer parte da sua área produtiva. De outro, os moradores das ilhas que foram transformadas em parque nacional podem ser remunerados pela venda das áreas, uma vez que a União não tem condições de arcar com as indenizações das desapropriações.

“Vejo como um jogo de ganha-ganha, todo mundo

acaba tendo uma vantagem”, avalia o chefe do Parque Nacional de Ilha Grande, Romano Pulzatto Neto. Segundo ele, além do produtor rural adquirir uma área para compensação da RL por valor muito inferior ao que seria pago pela mesma extensão em uma região agricultável, ele não precisa zelar por esta área de mata, uma vez que o parque é responsabilidade da União. Para os moradores das ilhas que foram desapropriados com a criação do parque, também é um bom negócio. “Eles [os moradores] acabam sendo melhor indenizados, pois o que a União iria propor para eles como indenização técnica acabava trazendo um valor bem baixo. Esse mercado livre de Reserva Legal indeniza melhor”, observa Pulzatto.

De acordo com a Lei nº 12.651/2012, o novo Código Florestal, todo imóvel rural deve manter uma área de vege-

tação nativa, denominada Reserva Legal. O percentual da área da propriedade que deve se destinar a este fim varia de acordo com o bioma em que está inserida. No caso do Paraná, a RL deve ocupar 20% dos imóveis, em média, maiores do que 72 hectare.

Aqueles que não possuem RL dentro da propriedade, podem compensar adquirindo áreas de mata nativa em outros locais, como em unidades de conservação. “É uma regularização indireta. Em vez do governo comprar essas áreas dos ilhéus [moradores das ilhas], o produtor compra essa área e doa para a União”, explica a engenheira agrônoma Carla Beck, do Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP.

O território do parque abrange as ilhas Grande, Peruzzi, do Pavão e Bandeirantes, todas localizadas no Rio Paraná, nos municípios de Alto Paraíso, Altônia, Guaira, Icaraíma e São Jorge do Patrocínio, no Paraná, e Eldorado, Itaquiraí, Mundo Novo e Naviraí, no Mato Grosso do Sul. Para adquirir áreas para compensação de RL dentro do parque, o produtor não precisa ser morador destes municípios.

Dos 78 mil hectares do Parque Nacional de Ilha Grande, a grande maioria pertence à União. As áreas privadas somam cerca de 20 mil ha nas ilhas e 14 mil ha na várzea continental do lado paranaense. Segundo o chefe do parque, até o momento já foram finalizados cerca de 100 processos de compra, que somam 3,5 mil hectares que foram adquiridos por produtores rurais e doados para a União. “Ainda tem uma grande quantidade de terras que já foi adquirida, mas que o processo ainda não foi concluído”, diz Romano Pulzatto.

Para o presidente do Sindicato Rural de Altônia, Braz Reberte Pedrini, a compensação de RL dentro do parque “resolve a situação do ilhéu, que não recebeu indenização da União, e do produtor rural”. Segundo ele, o sindicato apoia essas operações e orienta os produtores para realizar esse processo com segurança. “O produtor precisa saber que existe essa possibilidade e que esse processo é lícito”, afirma.

ICMS Ecológico

Também se beneficiam com estas operações os municípios vizinhos ao parque. “Quanto mais gente comprar áreas nas ilhas, mais ICMS ecológico os municípios recebem”, diz o presidente do Sindicato de Altônia. O ICMS Ecológico está previsto na Lei Complementar nº 59/91, que dispõe sobre a repartição de 5% do ICMS arrecadado pelo Estado, sendo 50% deste montante para os municípios que abrigam mananciais de abastecimento e 50% para municípios que tenham integrado em seu território Unidades de Conservação, Áreas de Terras Indígenas, Reservas Particulares do Patrimônio Natural, Faxinais e Reservas Florestais Legais.

Segundo o chefe do Parque Nacional de Ilha Grande, cada município recebe uma fatia deste montante de acordo com a área comprometida pela unidade de conservação e com o empenho na manutenção do parque. No lado paranaense, seis municípios são beneficiados pelo ICMS Ecológico.

Passo a passo

Para compensar a área de Reserva Legal de um imóvel rural dentro de uma unidade de conservação, o produtor deve seguir três passos, segundo explica o chefe do Parque Nacional de Ilha Grande, Romano Pulzatto Neto.

1º PASSO

O produtor consulta o Instituto Ambiental do Paraná (IAP) para saber se pode ser beneficiado pela compensação de Reserva Legal. A lei possibilita várias formas de recuperação. Uma delas é recompor em qualquer área do Estado. O Instituto Chico Mendes de Conservação e Biodiversidade (ICMBio) disponibiliza em seu site as áreas que estão aptas à comercialização.

2º PASSO

O produtor compra a área do proprietário. Para isso, o vendedor deve ter uma Certidão de Habilitação (documento expedido pelo ICMBio) que autoriza a venda.

3º PASSO

O produtor vai ao cartório com a certidão do ICMBio e averba a área. Ao mesmo tempo, ele doa a área para a União, mantendo seu direito à Reserva Legal.

Especialistas debatem desafios da pecuária leiteira

Evento, com apoio da FAEP, conta com programação focada nos aspectos de influência na qualidade do produto



A produção de leite, e os fatores para atingir a qualidade desejada do produto, estará em pauta em Curitiba. A sétima edição do Congresso Brasileiro de Qualidade do Leite (CBQL), nos dias 28 e 29 de setembro, no centro de eventos da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP), na capital paranaense, irá reunir especialistas de diversos Estados do país e do exterior – Estados Unidos e Canadá – para debater aspectos da pecuária leiteira. O evento conta com apoio da FAEP.

A programação do CBQL tem foco principalmente na melhoria da qualidade do leite no país. Tanto que os quatro painéis, num total de 12 temáticas, trazem uma diversidade de assuntos, como estratégias para aumentar a resiliência de produtores, impactos da logística na qualidade, controle e monitoramento de resíduos, impacto econômico da mastite bovina na rentabilidade das fazendas, entre outros temas.

“Por ser um país tropical, precisamos ter um cuidado maior com a qualidade do leite, pois é um produto perecível e que já sai pronto da fazenda. Não permite melhorias”, destaca Ronei Volpi, coordenador da Aliança Láctea Sul Brasileira. “Outro desafio para o setor é elevar a produtividade média nas propriedades. Muitas ainda se mostram inviáveis”, complementa.

Além dos painéis, ao longo dos dois dias do Congresso, o público também irá conhecer os avanços obtidos pela comunidade científica. Profissionais irão apresentar trabalhos

na área de qualidade do leite, com os recentes resultados de pesquisas realizadas no país.

Sede

A escolha de Curitiba para sediar a sétima edição do Congresso Brasileiro de Qualidade do Leite não ocorreu por acaso. O motivo está nos inúmeros avanços da pecuária leiteira estadual nos últimos anos, a ponto de colocar o Paraná, com 4,66 bilhões de litros de leite em 2015, na posição de segundo maior produtor do país, ultrapassando o Rio Grande do Sul. A liderança do ranking nacional segue com Minas Gerais, com 9,14 bilhões de litros.

Serviço

Congresso Brasileiro de Qualidade do Leite
28 e 29 de setembro
Centro de Eventos do Sistema FIEP
Av. Comendador Franco, 1341 - Curitiba - PR
www.congresso.cbql.com.br

PRODUTOR
RURAL

FIQUE ALERTA

O PRAZO PARA
INSCRIÇÃO NO
CAR E ADESÃO AO
PRA TERMINAM EM

31/12/2017

*NÃO PERCA OS
BENEFÍCIOS DO
NOVO CÓDIGO
FLORESTAL



O SEU
CAR ESTÁ
CORRETO?

VOCÊ JÁ
ADERIU
AO PRA?

acesse www.iap.pr.gov.br e saiba mais

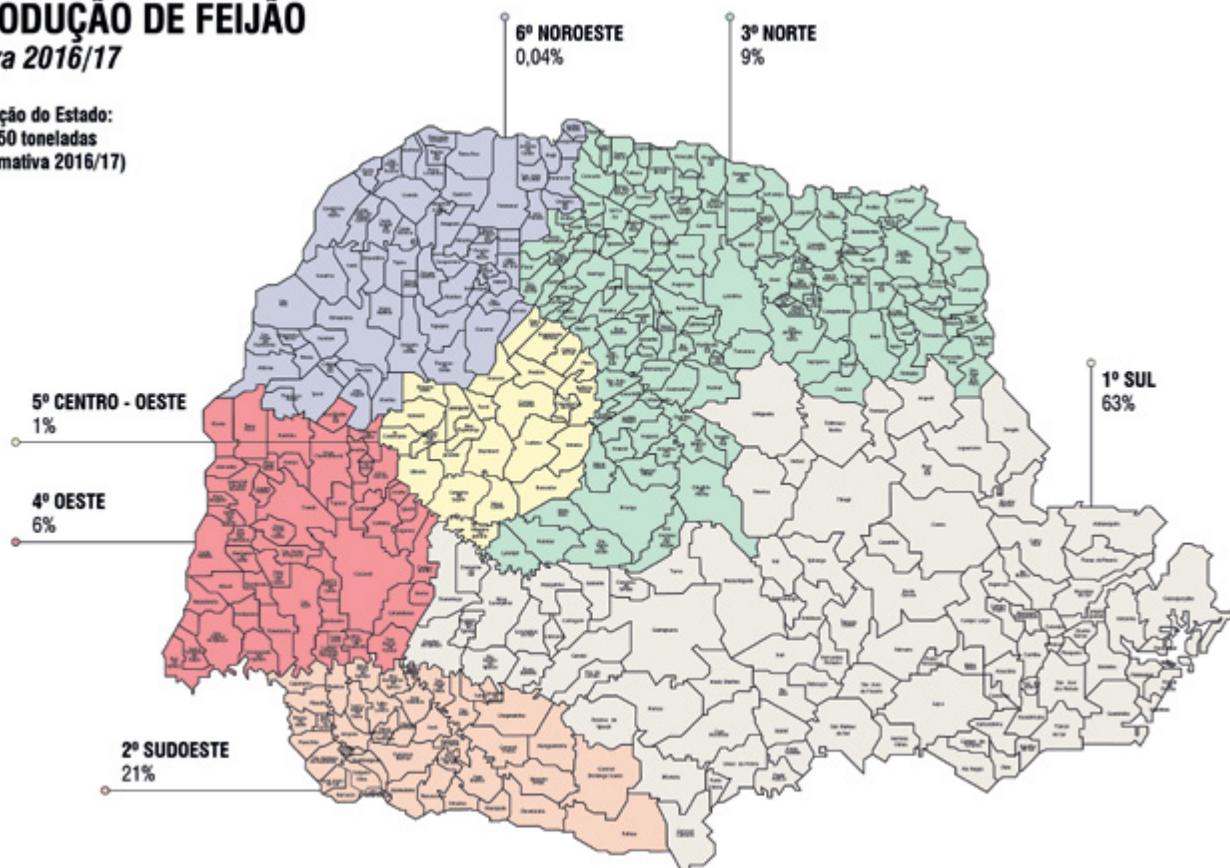
Escoamento ininterrupto do feijão

Em função da alta demanda, produto é comercializado em praticamente todos os meses do ano

PRODUÇÃO DE FEIJÃO

Safra 2016/17

Produção do Estado:
755.650 toneladas
(*estimativa 2016/17)



O escoamento e a comercialização do feijão ocorrem em praticamente todos os meses do ano, com picos entre maio e setembro e de janeiro a março. A explicação para esse processo ininterrupto é simples: a importância do grão no cardápio diário da população brasileira. Colhido, o feijão segue das áreas de produção para as cerealistas e armazéns próximos e/ou para as beneficiadoras e empacotadoras do cereal, para posterior distribuição no mercado varejista.

Maior produtor de feijão do país, o Paraná conta com três safras. O Estado produziu 593,3 mil toneladas do grão na safra 2015/16, correspondente a 23,6% do montante nacional. Mesmo assim, o volume foi abaixo do potencial histórico por conta das condições climáticas adversas, principalmente excesso de chuvas, nas três safras.

Quando acontece quebra de produção, o Paraná precisa

importar o grão para suprir o abastecimento. Nestes casos, os principais fornecedores são Argentina e China. Na primeira situação, o produto entra por Foz de Iguazu e percorre o Estado de caminhão, até ser beneficiado. Quando o produto vem do país asiático, a porta de entrada é o Porto de Paranaguá.

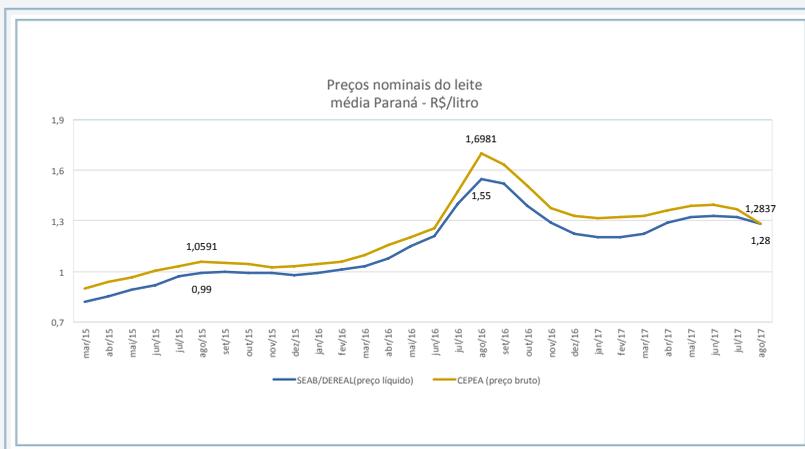
No Paraná, a atividade tem seu melhor potencial produtivo nas regiões com clima mais ameno e com chuvas bem distribuídas durante seu ciclo. Assim, as regiões Sul e Sudoeste do Estado são responsáveis por 86,5% da produção estadual.

Essas e outras informações do escoamento do feijão no Paraná fazem parte do estudo “Potencial de Escoamento da Produção Agropecuária Paranaense”, desenvolvido pelo Departamento Técnico Econômico (DTE) da FAEP, que pode ser acessado no site do Sistema FAEP/SENAR-PR, no link Serviços.

Conselho Paritário Produtores/Indústrias de Leite do Estado do Paraná / **CONSELEITE-PR**

RESOLUÇÃO Nº 8/2017

A diretoria do Conseleite-Paraná, reunida no dia 19 de setembro de 2017, na sede da FAEP, na cidade de Curitiba, atendendo os dispositivos disciplinados no Capítulo II do Título II do seu Regulamento, aprova e divulga os valores de referência para a matéria-prima leite realizados em agosto de 2017 e a projeção dos valores de referência para o mês de setembro de 2017, calculados por metodologia definida pelo Conseleite-Paraná, a partir dos preços médios e do mix de comercialização dos derivados lácteos praticados pelas empresas participantes.



VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - AGOSTO/2017

Matéria-prima	Valor projetado em agosto/2017 (leite entregue em agosto a ser pago em setembro)	Valor final em agosto/2017 (leite entregue em agosto a ser pago em setembro)	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	0,9964	0,9698	-0,0266

VALORES DE REFERÊNCIA DA MATÉRIA-PRIMA (LEITE)

POSTO PROPRIEDADE* - AGOSTO/2017 E PROJETADOS SETEMBRO/2017

Matéria-prima	Valor final em agosto/2017 (leite entregue em agosto a ser pago em setembro)	Valor projetado para setembro/2017 (leite entregue em agosto a ser pago em outubro)	Diferença (projetado-final)
Leite PADRÃO	0,9698	0,9478	-0,0220

Observações: Os valores de referência indicados nesta resolução para a matéria-prima leite denominada "Leite Padrão", se refere ao leite analisado que contém 3,50% de gordura, 3,10% de proteína, 400 mil células somáticas/ml e 300 mil ufc/ml de contagem bacteriana.

Para o leite pasteurizado o valor projetado para o mês de setembro de 2017 é de **R\$ 2,2058/litro.**

Visando apoiar políticas de pagamento da matéria-prima leite conforme a qualidade, o Conseleite-Paraná disponibiliza um simulador para o cálculo de valores de referência para o leite analisado em função de seus teores de gordura, proteína, contagem de células somáticas e contagem bacteriana. O simulador está disponível no seguinte endereço eletrônico: www.conseleitepr.com.br

Curitiba, 19 de setembro de 2017

RONEI VOLPI Presidente | **WILSON THIESEN** Vice - Presidente

Eleição na CNA

O atual presidente da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), João Martins da Silva Junior, foi reeleito para o cargo e vai comandar a entidade por mais quatro anos. A eleição foi no dia 19 de setembro e Martins teve o apoio das 27 federações do país. Em seu discurso, o presidente da CNA pediu um setor cada vez mais unido na defesa do produtor rural e falou sobre a importância da representação classista para o desenvolvimento do agronegócio no país. Martins disse ainda que um dos desafios da diretoria eleita será incentivar a contribuição sindical voluntária.



Plante Seu Futuro reduz risco de deriva no Paraná

A campanha Plante Seu Futuro, desenvolvida no Paraná com 600 agricultores de 72 municípios, apontou que 62% deles tinham médio ou alto risco de deriva por falta de tecnologia e 46% dos manômetros existentes estavam fora do padrão antes do início do programa. A ação promoveu treinamentos com técnicos da Emater e distribuiu pontas de pulverização e manômetros, com o objetivo de melhorar a qualidade dos equipamentos e capacitar profissionais e produtores rurais em Boas Práticas Agrícolas. Após o treinamento, os produtores passaram a fazer aplicações específicas para cada alvo e todos os pulverizadores vistoriados saíram de alto e médio para baixo potencial de perda por deriva.

Segurança no campo em Palotina

Uma ação do Sindicato Rural de Palotina (região Oeste), em parceria com a Sociedade Rural do município e a Polícia Militar, busca combater os altos índices de assaltos e acabar com a sensação de insegurança nas propriedades rurais de Palotina. As instituições somaram forças para viabilizar a recuperação de uma viatura da PM para atender exclusivamente às áreas rurais do município. “O objetivo é a polícia estar mais próxima das propriedades, conhecendo melhor os acessos e, também, as pessoas que residem nas regiões rurais”, afirma Nestor Araldi, presidente do sindicato.



Entrega de certificados do JAA

Os certificados dos 23 participantes do curso Jovem Agricultor Aprendiz (JAA), realizado pelo Sindicato Rural de Santo Antônio da Platina (Norte Pioneiro), foram entregues no dia 15 de setembro, em cerimônia na Casa da Cultura do município. A turma contou com 99% de alunos moradores da zona rural. Dos 23 alunos, 6 receberam lembrança pelo certificado nas olimpíadas e três alunas, que não faltaram às aulas, foram premiadas pelo Sicredi com uma poupança de R\$ 100. A instrutora do curso foi Lidiane Braga.



INFORME

Veja também no site
www.fundepecpr.org.br

FUNDEPEC - PR | SÍNTESE DO DEMONSTRATIVO FINDO 31/08/2017

HISTÓRICO/CONTAS	RECEITAS EM R\$				DESPESAS EM R\$			SALDO R\$
	REPASSE SEAB		RESTITUIÇÃO DE INDENIZAÇÕES	RENDIMENTOS	TRANSFERÊNCIAS	INDENIZAÇÕES	FINANCEIRAS/ BANCÁRIAS	
	1-13	14						
Saldo C/C	275,76	-	-	105,82	-	-	-	381,58
Serviços D.S.A	403.544,18	-	-	138.681,09	542.225,27	-	-	-
Setor Bovídeos	8.444.549,48	278,44	-	39.601.861,02	-	2.341.952,64	-	46.241.246,72
Setor Suínos	10.323.319,02	2.210.606,80	-	4.104.936,00	-	181.518,99	-	16.457.342,83
Setor Aves de Corte	1.481.958,15	2.342.576,48	-	3.984.784,87	-	-	-	7.809.319,50
Setor de Equídeos	53.585,00	23.737,78	-	156.213,80	-	-	-	233.536,58
Setor Ovinos e Caprinos	123,76	-	-	15.339,76	-	-	-	21.178,37
Setor Aves de Postura	37.102,41	46.905,50	-	195.835,21	-	-	-	279.843,12
Pgto. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	-	-	-	141.031,00	-	(141.031,00)
CPMF e Taxas Bancárias	-	-	-	-	-	-	77.567,43	(77.567,43)
Rest. Indenização Sacrifício de Animais*	-	-	141.031,00	-	-	-	-	141.031,00
TOTAL	20.744.457,76	4.624.105,00	141.031,00	48.197.757,57	542.225,27	2.664.502,63	77.567,43	70.965.281,27
SALDO LÍQUIDO TOTAL								70.965.281,27

Ágide Meneguette
Presidente do Conselho Deliberativo

Ronei Volpi
Diretor Executivo

Simone Maria Schmidt
Contadora | CO-CRC/PR-045.388/0-9

FUNDEPEC - PR - entidade de utilidade pública - Lei Estadual nº 13.219 de 05/07/2001.



CAMPO MOURÃO

MOTOSSERRA

O Sindicato Rural Campo Mourão, em parceria com a Coamo Agroindustrial Cooperativa, realizou, de 14 a 18 de agosto, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Motosserra – Corte Polivalente de Árvores. Participaram seis pessoas com o instrutor Marcos Roberto Kogut.



LARANJEIRAS DO SUL

APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul, em parceria com a Souza Cruz S/A, organizou, entre os dias 10 e 24 de agosto, o curso Trabalhador na Aplicação de Agrotóxicos – Norma Regulamentadora 31,8. Participaram 15 pessoas com o instrutor Miguel Luiz Severino Alves.



CIANORTE

MANUTENÇÃO DE ROÇADEIRAS

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, nos dias 11 e 12 de julho, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Roçadeiras Profissionais. Participaram 10 pessoas com o instrutor Xisto Roque Pazian Netto.



MEDIANEIRA

JARDINAGEM

O Sindicato Rural de Medianeira, em parceria com a prefeitura local, realizou, de 21 a 23 de agosto, o curso Jardinagem – Implementação e Manutenção. Participaram 15 pessoas com a instrutora Rosania Balasso



RIBEIRÃO DO PINHAL

MANUTENÇÃO DE MOTOSSERRA

O Sindicato Rural de Ribeirão do Pinhal realizou, de 7 a 11 de agosto, o curso Trabalhador na Operação e na Manutenção de Motosserra – Traçamento de Madeiras. Participaram seis pessoas com o instrutor Roosevelt Mendes Ferreira.



SÃO MATEUS DO SUL

COLHEDORA TANGENCIAL

O Sindicato de São Mateus do Sul promoveu, entre 28 de agosto e 1 de setembro, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Colhedoras Automotrizes – Colhedora Tangencial – Norma Regulamentadora 31.12. Participaram sete pessoas com a instrutora Silvana de Fatima Ribeiro Olzewski.



UMUARAMA

OLERICULTURA

O Sindicato Rural de Umuarama organizou, entre 1.º e 15 de agosto, em sua extensão de base em Tapira, o curso Trabalhadores Agrícolas na Olericultura – Planejamento da Produção do Plantio à Comercialização. Participaram 13 pessoas com a instrutora Priscila Trigo.



PALOTINA

MOPP

O Sindicato Rural de Palotina promoveu, nos dias 15 e 16 de agosto, o curso Condutores de Veículos – Movimentação e Operação de Produtos Perigosos – Atualização do MOPP. Participaram 16 pessoas com o instrutor Aparecido Vieira.



VIA RÁPIDA



Vikings

A série de tevê Vikings faz sucesso no mundo inteiro. Aqui no Paraná, mais precisamente em Curitiba, a série tem contribuído para a procura pelo curso de nórdico antigo. O Centro de Línguas da UFPR oferece aulas do idioma dos vikings, antepassado das atuais línguas sueca, dinamarquesa, norueguesa e islandesa. Segundo o site da instituição, “estudar o nórdico antigo pode ajudar a conhecer melhor as línguas escandinavas modernas”. E pelo visto também ajuda a entrar no clima de Vikings



Você sabia?

- Na idade do Ferro, o atual território de Portugal era habitado por tribos conhecidas como lusitanas. Esta herança fez com que os portugueses também fossem chamados de lusitanos.

Formiga boiando

Uma imagem chamou a atenção há algumas semanas após a passagem do furacão Harvey pelos Estados Unidos. Ela mostrava milhares de formigas unidas boiando sobre as águas da enchente. Segundo especialistas, algumas espécies de formigas usam essa estratégia de proteção. No Brasil, principalmente na região Amazônica, é comum esses insetos usarem o artifício durante os ciclos de cheias dos rios locais.



Smoking para cachorro

Desvios de recursos públicos para gastos pessoais. Todos os dias os jornais, tevês e rádios trazem notícias sobre recorrentes escândalos deste tipo no Brasil. Mas, infelizmente, essa prática não é exclusiva dos brasileiros. Nos Estados Unidos, uma funcionária pública foi condenada por gastar US\$ 200 mil em compras, usando um cartão de crédito do governo do estado do Arkansas. Entre os mimos adquiridos por Kristi Lyn Goss está um smoking para cachorro. Ela pode pegar 30 anos de prisão.

Salvando um idioma

Uma mulher de 84 anos e suas duas irmãs, que têm mais de 90 anos, são as últimas falantes fluentes de N|uu, uma das línguas faladas pela comunidade San, que vive na África do Sul. O idioma está na lista de línguas que a ONU considera em risco de extinção. Katrina Esau luta para evitar o desaparecimento do N|uu e ensina crianças da comunidade os 112 sons do idioma.



Desenhando o trem

Última aula, todos os alunos loucos pra sair da sala. Principalmente o Joãozinho. A professora pede que cada um faça um desenho de uma ferrovia, quem terminar pode ir pra casa. O moleque rabisca rapidamente numa folha e já vai arrumando as coisas na mala. Quando está quase na porta, a professora interrompe o espertinho:

- Joãozinho! Cadê o trem na sua ferrovia?
- Xiii, professora! A senhora chegou atrasada! Ele acabou de passar.



“A mudança é a lei da vida. Aqueles que olham apenas para o passado ou para o presente serão esquecidos no futuro.”

John Kennedy,
ex-presidente dos Estados Unidos
(1917-1963)



UMA SIMPLES FOTO





A ARTE DE SER

avó

Netos são como heranças: você os ganha sem merecer. Sem ter feito nada para isso, de repente lhe caem do céu. É, como dizem os ingleses, um ato de Deus. Sem se passarem as penas do amor, sem os compromissos do matrimônio, sem as dores da maternidade. E não se trata de um filho apenas suposto, como o filho adotado: o neto é realmente o sangue do seu sangue, filho de filho, mais filho que o filho mesmo...

Quarenta anos, quarenta e cinco... Você sente, obscuramente, nos seus ossos, que o tempo passou mais depressa do que esperava. Não lhe incomoda envelhecer, é claro. A velhice tem as suas alegrias, as suas compensações - todos dizem isso embora você, pessoalmente, ainda não as tenha descoberto - mas acredita.

Todavia, também obscuramente, também sentida nos seus ossos, às vezes lhe dá aquela nostalgia da mocidade. Não de amores nem de paixões: a doçura da meia-idade não lhe exige essas efervescências. A saudade é de alguma coisa que você

tinha e lhe fugiu sutilmente junto com a mocidade. Bracinhos de criança no seu pescoço. Choro de criança. O tumulto da presença infantil ao seu redor. Meu Deus, para onde foram as suas crianças? Naqueles adultos cheios de problemas que hoje são os filhos, que têm sogro e sogra, cônjuge, emprego, apartamento a prestações, você não encontra de modo nenhum as suas crianças perdidas. São homens e mulheres - não são mais aqueles que você recorda.

E então, um belo dia, sem que lhe fosse imposta nenhuma das agonias da gestação ou do parto, o doutor lhe põe nos braços um menino. Completamente grátis - nisso é que está a maravilha. Sem dores, sem choro, aquela criancinha da sua raça, da qual você morria de saudades, símbolo ou penhor da mocidade perdida. Pois aquela criancinha, longe de ser um estranho, é um menino seu que lhe é "devolvido". E o espantoso é que todos lhe reconhecem o seu

direito de o amar com extravagância; ao contrário, causaria escândalo e decepção se você não o acolhesse imediatamente com todo aquele amor recalçado que há anos se acumulava, desdenhado, no seu coração.

Sim, tenho certeza de que a vida nos dá os netos para nos compensar de todas as mutilações trazidas pela velhice. São amores novos, profundos e felizes que vêm ocupar aquele lugar vazio, nostálgico, deixado pelos arroubos juvenis. Aliás, desconfio muito de que netos são melhores que namorados, pois que as violências da mocidade produzem mais lágrimas do que enlevos. Se o Doutor Fausto fosse avó, trocaria calmamente dez Margaridas por um neto...

Rachel de Queiroz

Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|---|--|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

